

O Vendedor de Palavras

Crônicas de um país de tanga na mão e corda no pescoço

À minha esposa-cúmplice
Verena Watrin cuja gostosa risada serve
de combustível à vida e retroalimenta o
sistema criativo.

A Millôr, Sabino, Veríssimo, Torelli,
Bussunda, Pontepreta... e todos os grande
gozadores que fizeram o incrível milagre
de tornar este país ainda mais gozado!

O Vendedor de Palavras

Crônicas de um país de tanga na mão e corda no pescoço



São Paulo 2008

Copyright © 2008 by Editora Baraúna SE Ltda

Projeto Gráfico e Diagramação
Fernando Gomes

Capa
Equipe Baraúna

Cip-Brasil. Catalogação-Na-Fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Z35c

Fábio Reynol
O Vendedor de Palavras / Fábio Reynol. - São Paulo :
Baraúna, 2008.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-60832-60-6

I. Crônica Brasileira. I. Título.

08-4871.

CDU: 342:340.132.6

03.11.08 05.11.08

009609

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À EDITORA BARAÚNA
www.EditoraBarauna.com.br

Rua João Cachoeira, 632, cj.11
CEP 04535-002 Itaim Bibi São Paulo SP
Tel.: 11 3167.4261

www.editorabarauna.com.br

Sumário

INTRODUTÓRIAS

Um país de cócoras	7
O Vendedor de Palavras	8

POLÍTICAS

O sumiço dos pênis de Magé	11
Um congresso de tirar o chapéu	13
A sala de entrevistas íntimas	16
Carta de devolução de corte	19
Portugal declina. Brasil segue em declínio.	22
As sete maravilhas da corrupção moderna	25

INTERNACIONAIS

Cafetinagem brasileira ensina sacanagem a políticos dos EUA	28
V de “Vai levar chifre!”	30
Nada de californication para Arnold	32
A volta de Norman Bates	34

ECOLÓGICAS

Carta ao arqueólogo do futuro	36
Salve o planeta: troque oito dimenores por uma criança	39
Inacessível mundo novo	42

ECLESIAIS

No call center do Vaticano	44
Denúncia anônima	46
Adeus limbo	48
Bento lança sua nova coleção de pecados primavera-verão 2008	50
Aqui ninguém é santo	53

COTIDIANAS

O autógrafo	55
Morte em carne viva	57
Diálogos da Vagina	59
A assombração de J. Anhaia	53
A bunda de Jaqueline	66
A última grande sessão	70
O capeta escreve certo, mas corrompe o arquivo	73
Terceirização de mentes	75
Casas Abadia	78

GERAIS

Tristes crônicas de um país sem graça	79
Vamu pulá! Acaba o casamento de Sandy e Júnior	84
Sejam os mentirosos sinceros	86
A divindade judiciária	89
Prêmio Top of Macho	91
As pessoas mudam (de sexo)	93
Santa Ignorância	95
A mosca de banheiro	96
Socialaites na hora do chá	86
Ronaldo e os travecos: mais um caso de comoção nacional	100

FABULOSAS

Gafanhoto vai ser papai	102
-------------------------	-----

Um país de cócoras

Cidadão, o Brasil está de cócoras. Posição bem menos humilhante do que aquela em que nos encontrávamos na década passada, quando a nação andava de quatro. Amuados, agachados e na moita, façamos o que melhor sabemos fazer: piadas. Botemos para fora o que nos atormenta e regurgitemos tudo o que a direita, a esquerda, o meio de campo e a zaga do Planalto e do Congresso nos fizeram engolir. Essa é a missão do jornal on line Diário da Tribo, berço deste O Vendedor de Palavras.

O jornal começou sua trajetória no início do século XXI, no ano de 2001, como um fabricante de textos de efeito moral na internet. Lido por português-hablantes de cinco continentes, duas calotas polares e uma estação espacial, é certamente a publicação eletrônica que mais tem a cara do Brasil, embora ainda precise se mediocrizar muito para chegar lá.

As Crônicas de um País de Tanga na Mão e Corda no Pescoço formam uma seleção de textos produzidos ao longo de seis anos. O mais famoso deles teve de emprestar o nome à coletânea. Trata-se da história do camelô que vende aquilo de que os brasileiros mais precisam, os embriões de pensamentos que chamamos de “palavras”. Como na crônica, o livro O Vendedor de Palavras oferece muito mais do que palavras. Por trás de cada letra existe uma crítica ácida, um riso frouxo, um sonho louco, um mundo novo. Se começarmos a consumir palavras do mesmo modo como gastamos nos shoppings, geraremos um outro big bang e nascerá um novo Brasil de parto natural. Tomara!

Para isso, façamos a nossa parte.

Intrépido leitor, segure sua tanga, afrouxe a corda do pescoço, agache em sua moita e boa leitura.

O Autor

O Vendedor de Palavras

Ouviu dizer que o Brasil sofria de uma grave falta de palavras. Em um programa de TV, viu uma escritora lamentando que não se liam livros nesta terra, por isso as palavras estavam em falta na praça. O mal tinha até nome de batismo, como qualquer doença grande, “indigência lexical”. Comerciante de tino que era, não perdeu tempo em ter uma idéia fantástica. Pegou dicionário, mesa e cartolina e saiu ao mercado cavar espaço entre os camelôs.

Entre uma banca de relógios e outra de lingerie instalou a sua: uma mesa, o dicionário e a cartolina na qual se lia: “Histriônico - apenas R\$0,50!”.

Demorou quase quatro horas para que o primeiro dos mais de cinqüenta curiosos parasse e perguntasse.

- O que o senhor está vendendo?

- Palavras, meu senhor. A promoção do dia é “histriônico” a cinqüenta centavos como diz a placa.

- O senhor não pode vender palavras. Elas não são suas. Palavras são de todos.

- O senhor sabe o significado de “histriônico”?

- Não.

- Então, o senhor não a tem. Não vendo algo que as pessoas já têm ou coisas de que elas não precisem.

- Mas eu posso pegar essa palavra de graça no dicionário.

- O senhor tem dicionário em casa?

- Não. Mas eu poderia muito bem ir à biblioteca pública e consultar um.

- O senhor estava indo à biblioteca?

- Não. Na verdade, eu estou a caminho do supermer-

cado.

- Então, veio ao lugar certo. O senhor está para comprar o feijão e a alface, pode muito bem levar para casa uma palavra por apenas cinqüenta centavos de real!

- Eu não vou usar essa palavra. Vou pagar para depois esquecê-la?

- Se o senhor não comer a alface ela acaba apodrecendo na geladeira e terá de jogá-la fora e o feijão caruncha.

- O que pretende com isso? Vai ficar rico vendendo palavras?

- O senhor conhece Nélide Piñon?

- Não.

- É uma escritora. Esta manhã, ela disse na televisão que o país sofre com a falta de palavras, pois os livros são muito pouco lidos por aqui.

- E por que o senhor não vende livros?

- Justamente por isso. As pessoas não compram as palavras no atacado, portanto eu as vendo no varejo.

- E o que as pessoas vão fazer com as palavras? Palavras são palavras, não enchem barriga.

- A escritora também disse que cada palavra corresponde a um pensamento. Se temos poucas palavras, pensamos pouco. Se eu vender uma palavra por dia, trabalhando duzentos dias por ano, serão duzentos novos pensamentos cem por cento brasileiros. Isso sem contar os que furto o meu produto. São como trombadinhas que saem correndo com os relógios do meu colega aqui do lado. Olhe aquela senhora com o carrinho de feira dobrando a esquina. Com aquela carinha de dona-de-casa ninguém desconfiaria. Passou por aqui sorrateira. Olhou minha placa e deu um sorrisinho maroto se mordendo de curiosidade. Mas nem parou para perguntar. Eu tenho certeza de que ela tem um dicionário em casa. Assim que chegar lá,

vai abri-lo e me roubar a carga. Suponho que, para cada pessoa que se dispõe a comprar uma palavra, pelo menos cinco a roubarão. Então eu provocarei mil pensamentos novos em um ano de trabalho.

- O senhor não acha muita pretensão? Pegar um...
- “Jactância”.
- Pegar um livro velho...
- “Alfarrábio”.
- O senhor me interrompe!
- “Profazo”.
- Está me enrolando, não é?
- “Tergiversando”.
- Quanta lenga-lenga...
- “Ambages”.
- Ambages?
- Pode ser também “evasivas”.
- Eu sou mesmo um banana para dar trela para gente como você!
- “Pusilânime”.
- O senhor é engraçadinho, não?
- Finalmente chegamos: “histriônico”!
- Adeus.
- Ei! Vai embora sem pagar?
- Tome seus cinqüenta centavos.
- São três reais e cinqüenta.
- Como é?
- Pelas minhas contas, são oito palavras novas que eu acabei de entregar para o senhor. Só “histriônico” estava na promoção, mas como o senhor se mostrou interessado, faço todas pelo mesmo preço.
- Mas oito palavras seriam quatro reais, certo?
- É que quem leva “ambages” ganha uma “evasiva”, entende?
- Tem troco para cinco?

O sumiço dos pênis de Magé

Essa é de janeiro de 2005. Trata-se do intrigante caso do sumiço peniado do município de Magé (RJ). A prefeita recém-empossada não conseguiu consumir o seu primeiro ato no poder porque os dois bilaus oficiais não haviam comparecido ao trabalho. Eles haviam sido desviados e estavam metidos em esquemas escusos e envolvidos na maior sacanagem política já registrada fora de Brasília.

O caso tornou-se um exemplo de como a vontade política faz as coisas acontecerem neste País.

Divirta-se:

Onde foi que eles se meteram?

O misterioso caso do sumiço dos pênis de Magé

É pau, é pedra, é o fim da picada... A recém-empossada prefeita de Magé (RJ), Núbia Cozzolino, detectou um enooooorme desfalque no patrimônio público da cidade, assim que assumiu o cargo. Mais precisamente, 27 centímetros em pênis de borracha estavam faltando no sex-almojarifado municipal.

Os dois bilaus, de 15 e 12 centímetros, eram exaustivamente utilizados em aulas de orientação sexual da antiga gestão. Ambos foram adquiridos na insinuante cor marrom bombom e eram suspeitos de manter outro emprego fora da prefeitura.

Fotos dos desaparecidos foram estampadas pela cidade em outdoors e em caixinhas de leite longa vida sabor chocolate. Mas o máximo que a prefeitura conseguiu com a campanha foi aumentar o consumo de leite na comuni-

dade gaúcha de Magé.

Porém, bastou a nova prefeita ameaçar com uma CPI do Bráulio, para o vereador Darcizinho – com o Cozzolino na mão – sair à caça dos fugitivos. Em sua árdua tarefa de descobrir onde a dupla se meteu (ou foi metida), o pequeno Darci achou-os enfiados na sala de psicologia do Posto Municipal de Saúde. De lá, eles foram transferidos imediatamente ao gabinete da prefeita, onde permanecem sob observação e recebem cuidados intensivos.

Bibius achados, Cozzolino feliz - Os modelos penianos voltarão a entreter a municipalidade ao acompanhar uma réplica do tipo vaginal nas aulas educativo-sexuais da pra-frentex administração de Magé. A prefeitura fez questão de informar que possui pênis e vaginas, mas não mantém réplicas de cozzolinos, já que o município tem uma administração espada.

O Diário da Tribo adverte: Cozzolino de bêbado não tem dono, mas os bráulios de Magé têm!

Um congresso de tirar o chapéu

O grau de desenvolvimento de um país pode ser medido pelos mais estapafúrdios indicadores, como o tipo de vaso sanitário em que seu povo se senta ou os projetos de lei votados em suas casas legislativas. No Brasil, projetos de lei e vasos sanitários são bem diferentes quanto à forma, mas guardam impressionantes semelhanças de conteúdo. Deixarei as latrinas para uma análise posterior em um próximo ensaio econômico-político-escatológico que colocará O Capital de Marx no bolso. Trato aqui, pois, de como as pautas das assembléias de representantes eleitos indicam se uma nação atingiu ou não o pleno desenvolvimento.

Supõe-se que, quando um povo elimina seus problemas mais elementares de saúde, educação, segurança, etc., seus deputados e senadores, a fim de justificar seus salários, comecem a se aventurar em novas searas legislativas, como a criação de normas que regulamentem o penteado dos membros do senado, a tonalidade de batom das juízas federais em comparação às colegas estaduais e os perfumes sancionados para uso em repartições públicas.

E foi justamente neste indicador denominado “Ausência Laboral Parlamentar” (também conhecido como Falta de Serviço) que o Brasil acaba de alcançar o grau máximo de desenvolvimento. Nesta semana, passou na frente das demais pautas a serem votadas a lei que regulamenta os trajes parlamentares, o que demonstra o elevado nível de futilidade atingido pelo Congresso Nacional brasileiro.

O motivo da urgência da votação foi conter a ameaça representada pelo deputado baiano Edgar Mão Branca

(PV). O cabra só aparece na assembléia com seu inseparável chapéu de couro no melhor estilo “rei do cangaço”. Receosos de que o colega recebesse mais holofotes do que eles próprios, os demais membros da casa decidiram votar, em regime de urgência, a lei que restringe o traje parlamentar a terno, gravata, uma camisa por baixo desta, sapato e um relógio suíço. Roupas íntimas e meias ainda hão de ser regulamentadas, a fim de que estas combinem com aquelas e ambas ornem com a tonalidade das calças.

O descumprimento dessa lei levará o parlamentar a enfrentar uma Comissão de Ética por quebra de decoro, o que é, no mínimo, inadequado. O correto seria a criação de uma Comissão de Estilo e Etiqueta, cuja presidência teria o nome do deputado Clodovil Hernandez (PTC-SP) como candidato mais indicado. Estilista de renome, Hernandez botaria a tão sonhada ordem na casa ao impor as combinações apropriadas traje-ambiente e ao promover a renovação dos tecidos que saíssem de moda.

Fosse criada há mais tempo, a Comissão de Estilo e Etiqueta teria evitado aberrações como a Dança do Mensalão, coreografada e interpretada pela ex-deputada Ângela Guadagnin (PT-SP). “Vossa Excelência desonrou esta Casa ao dançar sem ritmo e não sincronizar vosso traseiro parlamentar ao movimento das mãos”, diria o relatório da comissão, “dados os fatos supranarrados não resta a este relator senão sugerir como punição o encaminhamento de Vossa Excelência a uma academia de dança onde debutará ao som da canção “Tô ficando atoladinha””.

A mesma comissão teria defendido os olhos da nação das tinturas capilares berrantes da ex-deputada Esther Grossi (PT-RS). “Vossa Excelência quebrou o decoro capilar desta casa ao tingir os cabelos em tom rosa-fúcsia em clara dissonância com as unhas purple-baby. Acrescente-

se o agravante que a coloração capilar do momento é azul-bolor-metálico, tom que Vossa Excelência deixou de usar há três dias,” sentenciaria o presidente da comissão.

Enquanto essa importantíssima Comissão específica não nasce, nós, brasileiros, podemos nos sentir orgulhosos por termos um Congresso muito mais desenvolvido que a nação que o mantém. Enquanto as decisões cruciais tomam a pauta dos legisladores, o povo se atém a banalidades, como o que comer, onde estudar e para onde correr em casos de balas perdidas. Somos um povo que perde o voto para não perder a piada. Agora, nossos eleitos vão nos matar de rir.

Güenta mais essa, Brasil!